

É o professor um educador?

Comecei a trabalhar como professor de Educação Profissional em 1973, em cursos noturnos para adultos, em Santos (SP). Durante o dia, trabalhava como técnico em Eletrônica desde 1965.

No primeiro semestre de 1994 passei a lecionar e a produzir recursos didáticos também para adolescentes. Foi nesse momento que me vi como Educador, ou pelo menos, enxerguei que era isso o que os alunos esperavam de mim.

Para o aluno, sobretudo o jovem, o professor, seja de Eletrônica, seja de Filosofia, tem que ser um educador. Mesmos os jovens mais rebeldes e arredios vêem o professor como modelo, e como modelo amplo, não apenas na sua área específica de conhecimento das humanidades ou das tecnologias, mas sim como um referencial para a sua postura ética, sociabilidade e até higiene. Eu, que era um técnico seguro dos meus conhecimentos e de minha experiência profissional no campo da Eletrônica, senti-me inseguro, felizmente, diante do novo desafio: ser professor. Essa insegurança, derivada da percepção de que esta nova profissão exigia de mim responsabilidades muito maiores, levou-me a refletir muito e aguçou em mim a curiosidade de saber como as pessoas aprendem.

Eu já sabia como os circuitos de um televisor "identificavam" e separavam os sinais de vídeo, áudio, sincronismo e cor, e como davam o tratamento adequado a cada uma dessas informações. As pessoas não deviam ser muito diferentes, embora dispusessem de alguns sensores a mais.

Depois de algum tempo tentando desenhar o modelo matemático da cabeça do aluno típico, e tentando descobrir o seu circuito equivalente, percebi que cérebros humanos não obedeciam a uma padronização tão perfeita quanto a dos receptores de televisão. Não seguiam uma norma técnica. Eram todos diferentes uns dos outros: uma bagunça!

Vi que meus colegas professores de matérias técnicas aplicavam provas e classificavam seus alunos em A, B, C e D, de acordo com a quantidade de respostas certas (ou esperadas) que eles apresentavam. Perguntei a eles para que isso era feito. A resposta não me satisfaz: "A" era equivalente a 9 ou 10, "B" igual a 7 ou 8 e assim sucessivamente. Perguntei novamente: o que vocês fazem com esses resultados? "Registramos no diário de classe". (!?)

Percebi então que os alunos eram mais complexos que os televisores, e que os professores, por sua vez, operavam de uma maneira muito mais elementar que o receptor de TV.

Qualquer informação obtida por este último é logo transformada em som e imagem, e há uma terceira, a de feedback, que o aparelho usa para corrigir eventuais distorções no áudio ou no vídeo. Um televisor jamais usaria uma informação apenas para copiar numa tabela.

Para resumir, foi um longo processo até perceber que era uma falácia o professor achar que o seu dever estava cumprido e que a sua aula havia sido um sucesso quando alguns alunos haviam aprendido tudo, outros alguma coisa, e muitos, coisa alguma. Era falso pensar que se alguns aprenderam, todos haviam tido a mesma chance e o que faltou foi dedicação e esforço por parte dele, aluno. E esse processo foi ainda mais longo por influência da cultura, do sistema estabelecido no meio escolar. Os coordenadores perguntavam: - Qual foi a média da classe 2º B? Com isso, reforçavam o conceito de que existia o "aluno médio", para o qual a aula devia ser planejada e conduzida.

Esses conceitos absurdos, que ainda hoje grassam no meio escolar, mesmo entre professores egressos de cursos de licenciatura e magistério, são, no mínimo, de mesma intensidade nos cursos de Educação Profissional.

Certa vez, testemunhei o seguinte diálogo:

Você não era engenheiro?

Era.

E o que fez para virar professor?

Vesti um jaleco azul.

Pensei comigo: ele, como eu, e como grande parte dos professores universitários e de cursos técnicos, transformou-se em "DADOR DE AULA" em apenas 20 segundos, mas vai custar muito esforço, e demandar muito tempo até que se torne um Educador, um profissional da Educação.

Muitos alunos vão desistir, muitas carreiras serão prejudicadas até que ele descubra que necessita ler outros livros e não apenas os de seu campo técnico, que precisa assinar outras revistas e não apenas "Mundo Mecânico" ou "Eletrônica Popular". Se for arquiteto, que não veja a cabeça do aluno como a planta baixa de um prédio qualquer.

Muito ele próprio irá sofrer até perceber que não é o professor que ensina, mas sim o aluno que constrói o seu conhecimento. E, quando descobrir, perceber que nessa construção, além de um bom "mestre-de-obras", é necessário que ele seja um bom animador de equipes e de indivíduos em processo de construção de conhecimento. Muita energia será desperdiçada até que ele faça melhor uso da avaliação do que simplesmente classificar os alunos (ou desclassificá-los), sem levar em conta que existem múltiplas e diferentes inteligências, todas elas úteis à humanidade e passar, a exemplo do receptor de televisão, a fazer uso da informação que ele obtém medindo a saída para corrigir as falhas na sua aula, no seu plano, na sua escola e até no Sistema Educacional.

Hoje, depois de haver passado por cursos de graduação e pós-graduação no Brasil e no exterior, no campo da Pedagogia; 25 anos de experiências diversas em Educação, e encontrando-me à frente de um Centro de Formação de Professores para a Educação Profissional, é que venho, com humildade, dar o meu testemunho e conclamar os jovens professores ou candidatos à docência, a buscarem uma formação no campo da Educação.

Não estou recomendando um curso de Pedagogia, mas sim sugerindo que leiam bons livros sobre Didática, Filosofia da Educação, Planejamento e Avaliação, entre outros. Que procurem fundamentar sua acção docente estudando e procurando saber como as pessoas aprendem e que, sobretudo, não reproduzam simplesmente, com seus alunos, o modelo que receberam de seus professores, mas busquem uma acção transformadora, colocando-se sempre ao lado de cada aluno, sempre atentos ao momento sócio-histórico que estiverem vivendo e sempre abertos a aprender.

Waldemar de Oliveira Junior
Director do Centro Senai Fundação Romi
Formação de Formadores